

CIDADE DO CUIDADO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A AMPLIAÇÃO DE ELOS NARRATIVOS ENTRE DOCENTES E DISCENTES POR MEIO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Ricardo Ruiz Martos¹

RESUMO

Este artigo procura estabelecer uma reflexão sobre limites e possibilidades para a ampliação da presença dos princípios do urbanismo feminista nos conteúdos didáticos aplicados nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, a partir de pressupostos presentes na teoria da Aprendizagem Significativa, de David Ausubel². A hipótese deste estudo, apoia-se na possibilidade de transformação das ações didáticas, a partir da compreensão do que a teoria mencionada define como “subsunçor” ou “ideia ancora”, que trata do compartilhamento de saberes docentes e discentes.

O trabalho reflete sobre as recentes legislações urbanas da cidade de São Paulo, que resultam em um urbanismo que negligencia lugares e públicos vulneráveis, em contraponto aos princípios do urbanismo feminista, relacionando-os com estratégias projetuais que utilizam conceitos como urbanismo tático e microacessibilidade, em uma perspectiva de renovação de conteúdos didáticos direcionados à cidade do cuidado.

Por fim, discute como a interação entre conhecimentos prévios relevantes nas estruturas cognitivas de docentes e discentes, os tais “subsunçores”, podem ser, ao mesmo tempo, o motivo da ausência e o caminho para a ampliação de conteúdos didáticos que reconheçam as camadas e personagens invisibilizados de uma cidade, em um cenário de graduação em Arquitetura e Urbanismo onde há, majoritariamente, discentes mulheres e docentes homens.

Palavras-chave: Urbanismo Feminista; Urbanismo Tático; Micro Acessibilidade; Aprendizagem Significativa.

ABSTRACT

This article seeks to establish a reflection on the limits and possibilities for expanding the presence of feminist urbanism principles in the didactic content applied in undergraduate courses in Architecture and Urbanism, based on the assumptions present in David Ausubel's theory of Meaningful Learning (1968). The hypothesis of this study relies on the possibility of transforming didactic actions through the understanding of what the mentioned theory

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² David Ausubel (1918-2008), doutor em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de Columbia e autor da teoria da aprendizagem significativa, proposta em 1963 no livro “The Psychology of Meaningful Verbal Language (New York: Gune & Stratton).

defines as "subsumption" or "anchoring ideas," which deals with the sharing of knowledge between teachers and students.

The work reflects on the recent urban legislations of the city of São Paulo, which result in an urbanism that neglects vulnerable places and publics, in contrast to the principles of feminist urbanism, relating them to design strategies that use concepts such as tactical urbanism and micro-accessibility, from a perspective of renewing didactic content aimed at the city of care.

Finally, it discusses how the interaction between relevant prior knowledge in the cognitive structures of teachers and students, the so-called "subsumption" can be, at the same time, the reason for the absence and the pathway for the expansion of didactic content that recognizes the invisible layers and characters of a city, in a scenario of undergraduate Architecture and Urbanism education where the majority of students are women and the majority of teachers are men.

Keywords: Feminist Urbanism; Tactical Urbanism; Micro-Accessibility; Meaningful Learning

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é fazer uma avaliação da presença de princípios de urbanismo que reconheçam as camadas mais vulneráveis da cidade de São Paulo, nos conteúdos didáticos de formação em arquitetura e urbanismo. A presença de conteúdos com esse perfil, pode potencializar ações de aula que envolvam docentes e discentes com outras escalas urbanas, normalmente esquecidas e utilizadas por grupos sociais diversos e desfavorecidos. Entende-se aqui, que o período de formação é essencial e oportuno na apresentação de conteúdos que relacionem a arquitetura e o urbanismo a chamada cidade do cuidado.

A partir da teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (1963), serão discutidas as possibilidades de interação entre docentes e discentes, e a ampliação de seus elos narrativos pela utilização de conhecimentos prévios mútuos, existentes nas estruturas cognitivas de ambos, o que Ausubel denomina "subsunção". Esta interação, pode estar prejudicada pela fragilidade ou inexistência de conhecimentos prévios relevantes que possam ser comuns a um corpo discente majoritariamente composto por mulheres, e um corpo docente ainda em maioria masculina, algo que ocorre hoje no campo de ensino em arquitetura e urbanismo.

1 – A Legislação Urbana Recente de São Paulo e o Reforço do Urbanismo Convencional

O Estatuto da Cidade, Lei 10.257/2001, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em favorecimento do bem coletivo. Seu principal instrumento, o plano diretor, obrigatório para cidades a partir de 20 mil habitantes, tem a função de executar a política de desenvolvimento urbano, devendo o poder público municipal garantir a gestão democrática, a implementação e o acompanhamento.

O Plano Diretor Estratégico de São Paulo, Lei Municipal 16.050/2014, baseou seus objetivos de transformação urbana na permissão a um adensamento construtivo e demográfico dos lotes situados em torno da rede estrutural de transportes públicos como metrô, trens, monotrilhos, ônibus, entre outros. Nestes lotes, juntamente com os potenciais construtivos majorados, incentivou-se também que os edifícios se organizassem com uma maior diversidade programática, isto é, que abandonassem o modelo monofuncional, amplamente praticado na cidade por tantos anos, e que desenharam bairros e quarteirões extremamente inseguros pelo excesso de muros e divisões entre espaços públicos e privados. As chamadas fachadas ativas, permitidas pela multiplicidade de usos, revivem um modelo de construção que ocorreu bastante nas décadas de 50 e 60 na própria cidade de São Paulo, que vai de encontro a um conhecido conceito de Jane Jacobs, em seu livro *“Morte e Vida das Grandes Cidades”* (1961) chamado “olhos da rua”. Esta metáfora se referia a vigilância natural proporcionada pela presença constante de usuários ao longo do dia e da noite, (lojistas, moradores, transeuntes), que aumentava a segurança dos espaços coletivos, desencorajando atitudes criminosas e violentas.

O adensamento dos chamados Eixos de Estruturação Urbana³, quarteirões próximos às redes de transporte coletivo, procurava, também, desincentivar o transporte individual motorizado, e reduzir o tempo médio de deslocamento ampliando a oferta de comércio, serviços e empregos junto às habitações, conformando os chamados núcleos compactos. Para que garantissem que o adensamento construtivo acompanhasse o adensamento populacional,

³ Os Eixos de Estruturação Urbana têm por objetivo orientar a produção imobiliária para áreas localizadas ao longo dos eixos de transporte coletivo público com novas formas de implantação de empreendimentos que promovam melhores relações entre os espaços públicos e privados e contribuam para a redução dos tempos e distâncias de deslocamentos. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/novo-pde-eixos-de-estruturacao-da-transformacao-urbana/>

esses edifícios passaram a atender uma regra específica de controle de tamanho de unidade, chamada “cota parte máxima”⁴, evitando que fossem construídos modelos de um ou dois apartamentos por pavimento, que naturalmente configurariam metragens excessivas e ainda mais excludentes.

A lógica proposta pelo Plano Diretor de São Paulo, gerou de início uma intensa transformação na envoltória das estações e corredores de ônibus existentes nos bairros do centro expandido da cidade, esgotando os últimos lotes remanescentes e modificando quarteirões residenciais com baixo adensamento construtivo. Muitas dessas mudanças, foram acompanhadas por polêmicas envolvendo a relação urbana entre as novas e antigas edificações dos bairros. Os raios de 300 a 600⁵ metros de distância dos núcleos de transporte, que determinavam a demarcação dos lotes para o aumento de potencial construtivo, produziram torres habitacionais impactantes que contrastavam com as características construtivas originais, preservadas nos miolos de bairro. Outra discussão pertinente refere-se à ausência de infraestrutura urbana para a absorção desse adensamento populacional e construtivo, que resulta em congestionamento do tráfego, poluição sonora, poluição do ar, falta de áreas verdes e sobrecarga dos sistemas de água e esgoto.

Embora possam ser discutíveis os resultados e os diversos cenários produzidos pelos primeiros 10 anos de implementação do Plano Diretor de São Paulo, havia um caminho natural a ser verificado com a expansão da estrutura de transportes para além do centro expandido, que seria justamente a formação de novas centralidades de uso misto, na envoltória das novas estações mais periféricas ainda não construídas ou finalizadas. Essa condição poderia atenuar, por exemplo, a dificuldade de acesso a empregos e serviços, com oportunidades mais distribuídas evitando parte do deslocamento para a região central. Fato é, que a chegada da Lei Municipal 17.975/2023⁶, aprovada como revisão do Plano Diretor vigente, não só atrasa a

⁴ Cota parte máxima de terreno corresponde à quantidade de unidades habitacionais segundo unidade de área do terreno. Define a densidade habitacional a partir da relação entre o número de unidades habitacionais a serem idealmente produzidas e a área total do terreno. Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/novo-pde-cota-parte-maxima/>

⁵ Art. 77 da Lei 16.050/2014 Disponível em <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/texto-da-lei-ilustrado/>

⁶ Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17975-de-8-de-julho-de-2023>

verificação do cenário descrito, como consolida estratégias de urbanismo ligadas a fatores econômicos, ampliando a desigualdade existente.

A proposta de revisão mencionada, parte da ampliação dos raios de adensamento permitidos a partir das estações e dos corredores de ônibus para 700 e 400 metros, respectivamente; e altera o modo com o qual são demarcadas as quadras, já que basta agora que os raios mencionados “toquem” o limite de uma quadra, para que ela toda usufrua dessa regra, o que amplia ainda mais a quantidade de lotes que sofrerão alterações futuras.⁷ Prioriza-se com isso, que a produção imobiliária siga ocorrendo nas áreas consolidadas da cidade, descaracterizando miolos de bairro e memórias locais, e, sobretudo, reforçando desigualdades socioespaciais. Contrário ao que se pretendia com o texto original de 2014, que era o adensamento ligado a uma expansão da rede de transportes chegando aos bairros mais afastados, seguiremos produzindo empreendimentos nos bairros onde o mercado imobiliário amplia seus ganhos, dedicando pouco, ou quase nada de sua produção, a população com faixa de renda mais baixa. Há, nitidamente, a manutenção de um urbanismo que negligencia a relação dos espaços urbanos com a vida cotidiana da maioria das pessoas, e que segue capacitando atores privados a estender a mercantilização.

2 - Urbanismos do cuidado e suas possíveis aplicações didáticas

A mencionada revisão do Plano Diretor Estratégico de São Paulo, evidencia que a localização economicista dos empregos e os deslocamentos diários longos, seguirão ditando a dinâmica da cidade, excluindo parte significativa da população responsável por atividades diversas, que possibilitam seu próprio funcionamento. No mesmo movimento, seguirá tratando bairros consolidados como locais onde ainda serão permitidas construções novas, mesmo que para isso tenham que ser abertos espaços no meio de quarteirões inteiramente edificadas, e com alto adensamento construtivo. Mediante ao cenário exposto, pergunta-se como a formação em arquitetura e urbanismo pode apresentar conteúdos didáticos, que produzam maior consciência coletiva, e equilíbrio entre escalas diversas de atuação?

Há aqui, uma escolha entre a utilização acadêmica de conceitos e exercícios que resultem em um desenho de cidade baseado na legislação atual, o que pode ser um elemento facilitador

⁷ Art. 77 da Lei 16.050/2014 que passa a vigorar com nova redação pela Lei Municipal 17.975/2023 como revisão. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17975-de-8-de-julho-de-2023>

para a obtenção de oportunidades de trabalho a estudantes nos escritórios hoje atuantes no mercado imobiliário; e a utilização de conceitos e exercícios que partam dos princípios, por exemplo, do urbanismo feminista, essenciais para uma formação que priorize pessoas e incorpore perspectivas de gênero e equidade social.

Compreender a cidade, é perceber que toda edificação pode contribuir para o local onde está inserida, isto é, o edifício enquanto objeto isolado, de uso exclusivo, em nada melhora o espaço público ao seu redor, muito menos auxilia na educação coletiva indireta de seus usuários. Neste sentido, mesmo os exercícios que se aproximem do que está sendo produzido pela legislação da cidade de São Paulo e suas similares, deveriam obrigatoriamente trabalhar conceitos que espacializem a coletividade, e seguem presentes na redação do Plano Diretor atual como diversidade de usos, cota solidariedade⁸, fruição pública, fachadas ativas, doação de calçadas, controle do tamanho das unidades habitacionais, entre outros. A estas ferramentas, vale o acréscimo de condicionantes como a incorporação de edificações existentes e programas ligados a culturas locais, não genéricos, evitando que as propostas se apoiem no conceito da “tábula rasa”⁹.

As possibilidades de análise e intervenção urbanas perpassam escalas diversas, mas, costumeiramente, aparecem nos exercícios das componentes de urbanismo representadas pelas escalas regional, metropolitana e de cidade. Claro que há espaço para a apresentação dos desafios ligados a essas escalas, no entanto, é difícil que aqui sejam praticados conceitos ligados as necessidades das pessoas que vivem no espaço urbano, utilizando o corpo como referência para moldar o território, ou mesmo espaços públicos que fomentem redes comunitárias de cuidados, considerando atividades diárias e as necessidades das esferas reprodutiva, produtiva, pessoal e política (COL.LECTIU PUNT6, 2019).

⁸ Art. 111 e Art. 112 da Lei 16050/2014. O PDE amplia os instrumentos de planejamento urbano e habitacional no município direcionado para o cumprimento das funções sociais da propriedade e da cidade na medida em que estabelece a Cota de Solidariedade. Este novo instrumento especifica, cria condições para que sejam definidos mecanismos de contrapartida para o licenciamento de grandes empreendimentos imobiliários e/ou projetos urbanos com o objetivo de ampliar a produção de Habitações de Interesse Social. Poderão ser estabelecidas formas de incentivo para estimular a implantação deste instrumento que amplia as estratégias para a redução do déficit habitacional. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17975-de-8-de-julho-de-2023>

⁹ O conceito de "tabula rasa" no urbanismo está associado à ideia de limpar completamente uma área urbana, removendo estruturas existentes e construindo algo totalmente novo. Essa abordagem foi notavelmente exemplificada e promovida por arquitetos e urbanistas modernistas no século 20.

Aproximar a cidade da escala das pessoas, é reconhecer a presença de diferentes grupos sociais¹⁰, com suas demandas, experiências e especificidades na apropriação do espaço para a realização da vida. É não perpetuar a produção do espaço urbano com base na divisão sexual do trabalho, onde muitas mulheres são relegadas as atividades reprodutivas que, apesar de cruciais para sustentação da força de trabalho, são comumente invisibilizadas e desvalorizadas nas economias formais por não gerarem renda direta.

As aplicações mais visíveis de estratégias e conceitos que se apoiam nos princípios do urbanismo feminista, e parecem contribuir na ampliação dos conteúdos didáticos de formação discente, talvez possam ser exemplificadas por conceitos e ações ligadas ao urbanismo tático e a microacessibilidade.

Os possíveis benefícios que o urbanismo tático oferece a uma cidade foram amplamente discutidos na publicação *“Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities”* (GADANHO et al., 2014), que se deu a partir de uma exposição sobre o crescimento desigual das cidades, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York.¹¹ Os curadores do evento ofereceram uma variedade de interpretações e caracterizações convergentes em relação ao urbanismo tático, que foram descritas por Neil Brenner no texto *“Urbanismo Tático uma alternativa ao Urbanismo Neoliberal?”* (2016).

O urbanismo tático surge pela ausência de bens públicos fornecidos às populações urbanas em expansão, tanto pelo Estado quanto pelo mercado. Trata-se de um movimento “de baixo para cima”, com fontes geradoras independentes de qualquer ideologia específica, enfrentando questões urbanas emergentes. Possui horizonte de tempo curto e escala relativamente circunscrita a um limite bem determinado (rua, bairro, edifício, praça etc.), e geralmente promove intervenções por uma visão de base prática e participativa, na qual aqueles que são mais diretamente afetados, mobilizam-se ativamente na reapropriação do espaço urbano (BRENNER, 2016).

¹⁰ Grupos Sociais como homens, mulheres, crianças, idosos, indígenas, negros, migrantes, refugiados, população LGBTQIAPN+, entre outros.

¹¹ Realizada entre 22 de novembro de 2014 e 25 de maio de 2015, a exposição gerou a publicação *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*, de múltipla autoria incluindo Pedro Gadanho, Richard Burdett, Teddy Cruz, David Harvey, Saskia Sassen e Nader Tehrani

Mike Lydon e Anthony Garcia, no livro "*Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*" (2015), argumentam que o urbanismo tático funciona como um laboratório vivo para inovações em ambientes urbanos, ao permitir que as pessoas experimentem e participem diretamente das mudanças propostas. Entendem que essas intervenções, apesar de possuírem uma natureza temporária, funcionam como catalisadores para a mudança a longo prazo já que alteram a percepção dos usuários com relação aos espaços urbanos. Outra importante característica descrita pelos autores é a adaptabilidade dessas propostas, que se transformam de maneira rápida e flexível, em resposta as devolutivas dos usuários.

Segundo Fontes, Pina e Paiva, no livro "*Urbanismo Tático: X Ações para Transformar Cidades*" (2021), o urbanismo tático é o conjunto de intervenções e políticas de curto prazo e baixo custo, que são utilizadas para a ativação de uma vizinhança. Tais intervenções são realizadas em fases, podem ser realizadas por cidadãos, pelo poder público ou por parcerias entre a sociedade civil e o governo; e costumam ser utilizadas como um teste de ideias com intenção de implementação futura, no qual é possível verificar impactos e medir a aceitação pela comunidade. As fases dividem-se em preparatória, para a identificação de demandas e prioridades junto as comunidades; efêmera, para estudo das propostas e ativação inicial do espaço; temporária, para testes e implementação de propostas a médio prazo com verificação de impactos; e permanente, quando a intervenção é realizada de forma definitiva.

A microacessibilidade parece estar inserida nas ações práticas viabilizadoras do urbanismo tático, no entanto, posiciona-se mais claramente em relação a sua escala de atuação, contexto de aplicação e público beneficiado.

Segundo a *Biblioteca de Microacessibilidade* (2021)¹², o termo microacessibilidade se refere a realização de intervenções urbanas associadas a mobilidade e ao desenho universal, que promovam facilidade no acesso direto das pessoas a edificações e espaços urbanos. Trata também das condições de deslocamento e formas de permanência nestes espaços, a partir de

¹² A Biblioteca de Microacessibilidade é resultado de uma iniciativa conjunta do Banco Mundial e do Governo Britânico, em parceria com a Secretaria Municipal de Mobilidade e Trânsito de São Paulo (SMT). Foi elaborado pelo escritório Estudio + 1, composto pelos urbanistas Ana Maciel, Luís Milan e Tiago Brito. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099050223201042343/p1734140d59f3d0ee0b4330f490f906adc1>

relações cotidianas, banais, que considerem as particularidades dos indivíduos e sua rede de relações e cuidados. A experiência da pessoa no espaço público passa a ser amplamente considerada nas propostas de intervenção, e isso inclui a maneira com a qual são estabelecidos os vínculos e a comunicação com outras pessoas.

Em relação a escala de atuação, encontra-se nas chamadas áreas intersticiais, que são espaços públicos localizados entre o ponto de origem de cada viagem, e os transportes de massa, muitas vezes contemplados com projetos de acessibilidade. São os espaços cotidianos, na escala do bairro, situados “entre” pontos de origem e destino, ou seja, a escala de atuação compreende os resquícios urbanos, locais que normalmente são esquecidos pelo planejamento formal, completando trajetos com percursos acessíveis, seguros, inclusivos. Os contextos mais vulneráveis e afastados dos centros e bairros consolidados, são o foco principal de atuação das ações de microacessibilidade. Nesses locais, predominam a falta de infraestrutura urbana e serviços básicos, condição que, infelizmente, segue vigente ao avaliarmos o planejamento da cidade de São Paulo. (BIBLIOTECA DE MICROACESSIBILIDADE, 2021, P. 14-19)

Por fim, a microacessibilidade reconhece quem são os indivíduos e grupos que usufruem do espaço urbano, respeitando suas diversidades e vulnerabilidades, algo diretamente ligado aos princípios do urbanismo feminista. Os espaços urbanos, normalmente produzidos para indivíduos fora da zona de vulnerabilidade, não oferecem autonomia a diversidade de seus usuários. Pessoas com diversidades funcionais¹³, mulheres, idosos, crianças, negros, população LGBTQIAP+, entre outros, precisam que intervenções propostas em edificações e espaços públicos validem suas vivências nas cidades. Há de se considerar que alguns desses indivíduos somam em suas particularidades questões relativas tanto a diversidade, quanto a vulnerabilidade, o que os coloca em uma condição ainda mais sensível.

¹³ A proposição da expressão diversidade funcional (Palacios, Romañach, 2006) foi apresentada em janeiro de 2005 no Fórum de Vida Independente, na Espanha. Conscientes de que a linguagem produz, modifica e orienta o pensamento, algumas organizações de pessoas com diferença funcional têm investido em novos termos, com o intuito de implantar outra concepção acerca da condição a que costumeiramente nos referimos como deficiência.

Os conceitos e ações ligados ao urbanismo tático e a microacessibilidade, oferecem caminhos para a complementação de conteúdos didáticos apresentados no período de formação em arquitetura e urbanismo. A compreensão de que a cidade se constrói também pela pequena e média escala de atuação, o foco nas zonas de vulnerabilidade e a diversidade de públicos-alvo, podem se somar a ações didáticas de caráter extensionista, com docentes e discentes imersos em demandas trazidas por personagens esquecidos, porém essenciais ao funcionamento das cidades.

3 – Escalas de proximidade urbana e o trabalho reprodutivo de cuidado

Os exercícios acadêmicos práticos aplicados no período de formação em arquitetura e urbanismo, apoiam-se na apresentação de demandas baseadas em cenários diversos, reais ou imaginados, e que pretendem obter como resposta uma atuação projetual, ou seja, a espacialização de algum elemento que solucione, ou contribua para a solução do que foi estabelecido. Aproximar-se de um trabalho no campo de atuação em arquitetura e urbanismo, é buscar sintetizar elementos da história, da geografia, da cultura e da sociedade de um lugar, trazendo conjuntamente a ciência, a tecnologia e o conhecimento técnico, para o atendimento das expectativas das pessoas. Mas quem são essas pessoas?

Como resultado esperado, estes exercícios de formação mencionados atendem, quase sempre, a narrativas ligadas ao *design* e a funcionalidade dos elementos propostos, o que é absolutamente desejado e de extremo valor no que diferencia o próprio campo de atuação de outros similares. A capacidade de planejamento e antecipação de questões por meio de um projeto, aliando beleza e funcionalidade, é algo que está no imaginário do “fazer” arquitetônico. Por outro lado, e pensando pela ótica da formação discente, esses exercícios práticos precisam tomar certo cuidado para não produzirem propostas onde há, apenas, o protagonismo da beleza e da funcionalidade, deixando de lado percepções e demandas relativas a grupos sociais e de trabalhos diversos.

Quantas novas camadas de conhecimento podem ser apresentadas a discentes por meio de exercícios práticos de projeto e urbanismo, que considerem, por exemplo, o atendimento às

necessidades de quem realiza trabalhos reprodutivos¹⁴? A apresentação constante de realidades como essa, entre outras similares e normalmente esquecidas, resgatam o protagonismo de quem movimenta a vida urbana, e não impedem o comparecimento do *design* e da funcionalidade em seus resultados.

Desde 2016, a iniciativa conhecida como Urban 95¹⁵, procura incluir a perspectiva de crianças e seus cuidadores no planejamento urbano, nas estratégias de mobilidade e nos programas e serviços destinados a eles, apoiando e capacitando gestores públicos e técnicos para que atuem no desenvolvimento de territórios mais vulneráveis. As intervenções pretendem auxiliar as cidades na promoção de interações parentais positivas, aumento ao acesso e ao uso dos serviços, e a redução do estresse dos cuidadores. A rede Urban 95 está presente atualmente em 27¹⁶ municípios brasileiros oferecendo assessoria técnica em mobilidade, aprimorando políticas públicas existentes, capacitando cuidadores para melhorar suas relações com crianças, e ampliando a relação com comunidades locais.

Outra iniciativa que se destaca por sua aplicabilidade é o guia *Proximity of Care*¹⁷ que define suas estratégias com base no atendimento específico a crianças, cuidadores e mulheres grávidas. Sua orientação para intervenções, estrutura-se em quatro seções que representam os estágios do ciclo de vida de um projeto urbano que são: Entender, Projetar, Implementar e Influenciar. Estas seções procuram, conjuntamente, por restrições e necessidades destes

¹⁴ O trabalho reprodutivo refere-se às atividades necessárias para a manutenção da vida cotidiana e da força de trabalho, mas que não são diretamente remuneradas nem contabilizadas no PIB. Este tipo de trabalho inclui tarefas domésticas e de cuidado que garantem a reprodução da força de trabalho e o bem-estar das famílias.

¹⁵ A Urban 95 é uma iniciativa da Fundação Bernard Van Leer, uma fundação privada holandesa que busca desenvolver e compartilhar o conhecimento de experiências que funcionam no desenvolvimento da primeira infância. Ela fornece apoio financeiro para parceiros de governo, sociedade civil e privada para ajudar no teste e ampliação de serviços que melhorem a vida de crianças pequenas e suas famílias. Disponível em: <https://urban95.org.br/o-que-e-a-urban95/>

¹⁶ Disponível em: <https://urban95.org.br/o-que-e-a-urban95/>

¹⁷ O guia, baseado nos conceitos estabelecidos pelo Urban 95, é uma parceria entre a Fundação Bernard Van der Leer e a multinacional Arup, que é uma empresa multinacional de engenharia, design, planejamento e consultoria fundada em 1946 por Sir Ove Arup. A empresa é reconhecida por seu envolvimento em diversos projetos de infraestrutura e construção ao redor do mundo, que envolvem, entre outros, planejamento urbano e ambiental, sustentabilidade e inovação tecnológica. Disponível em: <https://www.proximityofcare.com/pt/> e <https://www.arup.com/>

personagens, por meio da verificação de suas experiências no ambiente de casa, da vizinhança e da cidade, encorajando mudanças comportamentais positivas em toda a comunidade.

O guia orienta atuações em três escalas de proximidade urbana, a casa, o bairro e a cidade. A percepção de documentos como esse, de que a cidade começa na pequena e na média escala, com um olhar mais cuidadoso para quem realiza trabalhos reprodutivos e invisibilizados, corrobora com o que já foi mencionado em relação aos conceitos trazidos pelo urbanismo tático e a microacessibilidade.

A discussão atual sobre a escala da casa é, talvez, uma das mais importantes ao pensarmos na formação discente em arquitetura e urbanismo. Algumas relações de interação valiosas entre moradores perderam-se nos últimos tempos, principalmente em virtude da vida social digital que passou a dominar grande parte das interações humanas. A casa pode ser um pequeno simulacro de vivências positivas no espaço urbano e o espaço urbano, da mesma maneira, um reproduzidor dos cuidados que temos no ambiente doméstico. Cada vez mais, a casa tem deixado de ser o espaço onde seus membros compartilham tempo juntos, realizam tarefas domésticas de maneira igualitária, aprendem, estudam, relaxam e até trabalham. As relações possíveis no ambiente residencial iniciam a compreensão de igualdade e de respeito que, mais tarde, podem ser reproduzidas no ambiente público.

A escala do bairro, na perspectiva do guia, traz uma reflexão importante ao se colocar como o primeiro espaço público e comunitário que se apresenta acessível a partir da escala da casa. Trata-se de espaços que incluem áreas de lazer, creches, escolas, centros comunitários, lojas, mercados, instalações de saúde, locais de culto, mas, principalmente, o espaço público que conecta esses espaços com a casa, como ruas, calçadas, travessias, ciclofaixas etc. As interações presentes nessa escala são sociais, educacionais e comerciais, e necessitam garantir o bem-estar de cuidadores, com efeitos indiretos para as crianças.

O escritório brasileiro Estúdio+1¹⁸, está entre os escritórios parceiros que aplicaram a estrutura do guia *Proximity of Care*, em um projeto de amamentação em espaço público realizado em

¹⁸ O Estúdio+1, sediado em São Paulo, desenvolve projetos e consultorias que se apoiam em bases conceituais e teóricas fundamentados em metodologias específicas para cada situação, levando sempre em consideração os levantamentos de dados, o reconhecimento dos locais e as suas especificidades, abrangendo e avaliando estudos existentes. As metodologias de trabalho têm como princípio uma visão multidisciplinar, que inclui as áreas de

Niterói, Rio de Janeiro em 2022, mais especificamente no bairro de Jurujuba. O processo de identificação de um tema norteador para a intervenção foi descrito na publicação *“Programa de Treinamento Proximity of Care – Relatório Estudio+1”*¹⁹:

Buscamos temas importantes que pudessem direcionar nosso processo de pesquisa. Nesse momento, a amamentação surgiu como um tema emergente, como uma demanda primordial e essencial. A Secretaria de Saúde de Niterói demonstrou interesse em trabalhar com esses assuntos, pois a amamentação em espaços públicos no Brasil ainda é um tabu e frequentemente é considerado um ato oprimido e julgado. Assim, a ideia central foi abordar o desafio de discutir e propor maneiras de trazer o tema da amamentação como base para refletir sobre as relações da primeira infância com as escalas do lar, vizinhança e cidade.²⁰

Ainda segundo o relatório publicado, o processo de imersão no território para conhecimento de seus atributos e habitantes, revelou três temas adicionais a amamentação, que acabaram por complementar as ações e estratégias de projeto. A desmistificação da amamentação em espaços públicos, o oferecimento de espaços coletivos convidativos, lúdicos e adequados para crianças pequenas, e a parentalidade com base no papel dos homens na criação de crianças.

Após um estudo sobre o ato de amamentar, por meio de leitura de artigos e de conversas com mães e profissionais de saúde, o design foi aprimorado e, em seguida, as diretrizes do projeto arquitetônico foram definidas. Além dessa base conceitual, também foram considerados o engajamento da comunidade, os atores envolvidos, a definição de estratégias de mudança de comportamento e a viabilidade do projeto.²¹

Os objetivos que o projeto precisaria alcançar partiam da construção de espaços com dimensões diversas e multiplicidade de usos, que garantissem privacidade, acolhimento e segurança para mães e bebês, e o acesso a água e iluminação adequados. As soluções propostas, apoiaram-se nas experiências efetivas de mães e cuidadoras, que solicitaram soluções simples, econômicas e replicáveis, para que pudessem ser aplicadas com maior facilidade. As propostas incluíram, por exemplo, assentos com larguras e alturas diversas,

geografia, gestão ambiental e engenharia, atrelados a uma visão humana e social. Disponível em: <https://estudiomaisum.com/sobre/>

¹⁹ A publicação está disponível em: <https://www.proximityofcare.com/pt/2023/08/31/proximity-of-care-site-assessment-report-niteroi-brazil/>

²⁰ Programa de Treinamento Proximity of Care_Estúdio+1, 2022, p.10

²¹ Programa de Treinamento Proximity of Care_Estúdio+1, 2022, p.12

elementos construídos de comunicação que funcionassem como filtros de privacidade, brinquedos lúdicos para crianças até três anos de idade, além de espaços para higiene bem iluminados com acesso a água potável. As Figuras 1 e 2 mostram o projeto em sua primeira fase, e a Figuras 3 mostra a revisão final da proposta após período de testes.

Figuras 1 e 2: Proposta inicial.



Fonte: Programa de Treinamento Proximity of Care – Relatório Final Estúdio+1²²

Figura 3 – Proposta final.



Fonte: Programa de Treinamento Proximity of Care – Relatório Final Estúdio+1²³

O design da primeira fase tinha todos os elementos importantes pesquisados durante o treinamento, no entanto, faltava fornecer espaços com características suficientemente claras para sua ocupação. O design final trouxe novamente os mesmos elementos, mas os organizou em duas áreas diferentes, sem segregação. A proximidade dessas duas novas áreas permitiu que as pessoas interagissem de

²² Programa de Treinamento Proximity of Care_Estúdio+1, 2022, p.54

²³ Programa de Treinamento Proximity of Care_Estúdio+1, 2022, p.82

maneiras físicas e visuais, mesmo que os limites fossem definidos por cores, materiais e uma pequena diferença de nível.²⁴

Uma das limitações principais da experiência foi a diversificação do público, especialmente os grupos masculinos, que mesmo quando presentes na criação de bebês, possuem envolvimento quase nulo em processos de amamentação. Outro fator limitante observado pela equipe foi a dificuldade de trabalhar em áreas informais, em geral esquecidas pelas ações municipais, sem documentações ou cadastros oficiais, o que limita a qualidade da implementação das propostas, incluindo aspectos técnicos como, por exemplo, o acesso à água.

A arquitetura e o urbanismo, embora não devam ser vistos como soluções mágicas e isoladas, podem contribuir muito para que os espaços projetados em ambas as escalas mencionadas reconheçam personagens diversos, estimulando relações mais igualitárias e cuidados responsivos, principalmente se estes aspectos forem trabalhados desde cedo, nos exercícios de formação discente.

4 – A teoria da aprendizagem significativa e o panorama atual da atuação em arquitetura

Ao reconhecermos camadas ampliadas de percepção de uma cidade, escalas de aproximação e grupos sociais apresentadas pelos princípios do urbanismo feminista, além de estratégias e documentos de apoio técnico e conceitual presentes nas publicações sobre urbanismo tático e microacessibilidade, somados às propostas e intervenções do Urban 95 e do guia *Proximity of Care*, percebemos que existem sim outros encaminhamentos para a construção de conteúdos didáticos de projeto e urbanismo durante o período de formação acadêmica.

Conforme dito anteriormente, não se questiona aqui a importância dos ensinamentos de urbanismo consolidados, ou mesmo o banimento desses conhecimentos, mas sim a ampliação urgente da presença de conteúdos e exercícios que fomentem a ideia de que a proposição projetual deva ser uma pesquisa, que parta de uma questão norteadora, busque hipóteses, reconheça públicos diversos, abra possibilidades de continuação por pares, e se afaste da ideia

²⁴ Programa de Treinamento Proximity of Care_Estúdio+1, 2022, p.78

de soluções dadas exclusivamente pelo *design* milagroso e isolado de um edifício ou de um espaço público.

A ausência de conteúdos didáticos que explorem questões mais sensíveis e ligadas a públicos diversos, pode ser refletida a partir da teoria da aprendizagem significativa, de David Ausubel²⁵ que tem como princípio a interação entre informações novas trazidas por docentes com conhecimentos prévios relevantes para discentes. Esse conhecimento prévio, passa a servir como âncora para a aprendizagem de novos conceitos, dando-lhes significado e compreensão duradoura.

O texto *“O Que é Afinal Aprendizagem Significativa?”*²⁶ de Marco Antonio Moreira²⁷ descreve detalhadamente a teoria em questão e a entende como algo extremamente atual, presente em estratégias de ensino diversas, no entanto, apropriada de maneira superficial por falta de aprofundamento e compreensão. Segundo Moreira (2010), a aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas interagem com um conhecimento relevante presente na estrutura cognitiva de um aprendiz. Este conhecimento prévio e relevante era o que Ausubel chamava de “subsunçor” ou ideia âncora.

O “subsunçor” pode ter maior ou menor estabilidade cognitiva, pode estar mais ou menos diferenciado, ou seja, mais ou menos elaborado em termos de significados. Contudo, como o processo é interativo, quando serve de ideia âncora para um novo conhecimento ele próprio se modifica adquirindo novos significados, corroborando significados já existentes. É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (MOREIRA, 2010, p.02)

²⁵ David Ausubel (1918-2008), doutor em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de Columbia e autor da teoria da aprendizagem significativa, proposta em 1963 no livro *“The Psychology of Meaningful Verbal Language* (New York: Gune & Stratton).

²⁶ Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010

²⁷ Professor Titular, Emérito, Instituto de Física da UFRGS, especializado em Teorias de Aprendizagem, Pesquisa Educacional e Metodologia do Ensino Superior

Outro aspecto interessante do “subsunçor” enquanto conhecimento existente na estrutura cognitiva de indivíduos, é sua possibilidade de encolhimento, o que se dá por falta de utilização, ou até mesmo por mudanças em seus significados originais. É comum notarmos que algo que um dia nos foi claro e estável, como uma representação, uma proposição ou um modelo, passe a não ser mais pela chegada de novas informações, comportamentos etc. Esse movimento, no entanto, é considerado natural quando falamos de aprendizagem significativa, já que ocorre pela transformação daquele conhecimento relevante, existente, que ao encolher, abre espaço para sua própria ressignificação. Cabe mencionar, que essa ressignificação não corresponde sempre a uma evolução daquele conhecimento prévio, ou seja, pode haver sim uma involução, e quando algum conhecimento desaparece totalmente, a ponto de não permitir uma reaprendizagem rápida, provavelmente foi adquirido de modo mecânico e não significativo. (MOREIRA, 2010, P. 4-5).

A partir desta breve apresentação da teoria da aprendizagem significativa, e da compreensão de que “subsunçores” são conhecimentos estabelecidos na estrutura cognitiva de indivíduos que permitem, por interação, ressignificarem outros conhecimentos, podemos tentar compreender a falta de percepção de certos conteúdos na formulação de exercícios acadêmicos ocorridos no período de graduação em arquitetura e urbanismo.

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) realizou o II Censo das arquitetas e arquitetos e urbanistas do Brasil, que consistiu em um questionário de caráter optativo, com 45 perguntas de múltipla escolha para a coleta de informações sobre idade, gênero, raça, diversidades funcionais, faixa de rendimento médio, escolaridade, formação e obstáculos da profissão. No primeiro semestre de 2020, na coleta dos dados da pesquisa, dos 180.000 profissionais em atividade no país, 41.897 responderam o questionário, e entre estes participantes, 58% identificaram-se como mulheres, 30% identificaram-se como homens, 1% não-binário e 11% preferiram não informar. Quando da publicação dos resultados, já no final de 2021, o número de profissionais atuantes segundo a base de registros do conselho chegava próximo a 212.000, com 64,55% dessas profissionais identificando-se como mulheres.²⁸ Aqui temos a clareza, por

²⁸ Dados e descritivos disponíveis em: <https://caubr.gov.br/acesse-os-resultados-do-ii-censo-das-arquitetas-e-arquitetos-e-urbanistas-do-brasil/>

consequência, que as faculdades de arquitetura possuem um público majoritariamente composto por discentes que, em grande parte, se identificam como mulheres.

Outra questão relevante para esta reflexão seria analisar o perfil de gênero do corpo docente acadêmico, que interage com esse corpo discente. Uma aproximação pode ser feita pela verificação e contagem²⁹ de profissionais de algumas das principais faculdades de arquitetura e urbanismo publicadas pelo Ranking de Cursos de Graduação, do Ranking Universitário da Folha de São Paulo (RUF 2023)³⁰. Ao analisarmos o corpo docente divulgado nas páginas virtuais de oito faculdades de arquitetura, no caso quatro públicas (FAU-USP, FAU-UFRGS, FAU-UMG e FAU-UFSC) e quatro privadas (FAU-Mackenzie, PUC Campinas, UNISINOS e PUC-RS), que estão entre as mais bem classificadas pela publicação, percebemos que, em nenhuma delas, existe maioria de docentes mulheres. A amostra revelou um intervalo que vai de 35% mínimo a 50% máximo de professoras mulheres.

Guardada a rápida aproximação dos dados expostos, os indícios são de que, apesar de uma maioria significativa de discentes mulheres, prevalece a sensação de não termos a mesma proporção dentro do corpo docente. Aqui não foram aproximadas outras representatividades de grupos sociais reconhecidas ao longo da exposição deste artigo, no entanto o CENSO do CAU, além das informações de diversidade de gênero mencionadas, revelou com relação ao perfil racial que, 69% se identificam como brancos, 4% como mestiços, 2% como orientais, e, apesar de termos maioria de negros e negras na população brasileira, apenas 22% assim se identificam dentro da profissão.³¹

Como recortes de interesse deste estudo, se considerarmos como conhecimentos prévios relevantes (“subsunçores”), princípios do urbanismo feminista, o reconhecimento dos diversos

²⁹ A aproximação e contagem dos dados realizada para este artigo, se deu pelo acesso às páginas virtuais de divulgação do corpo docente das Faculdades e Universidades mencionadas em 06/06/2024. Informações disponíveis em: <https://www.fau.usp.br/institucional/docentes/>, <https://www.ufrgs.br/arquitetura/docentes/>, <https://www.arq.ufmg.br/ea/pessoas/corpo-docente/>, <https://arq.ufsc.br/vp.php?sp=departamentoProfessores>, <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/arquitetura-e-urbanismo/corpo-docente>, <https://www.unisinos.br/graduacao/arquitetura-e-urbanismo/sao-leopold>, <https://www.puc-campinas.edu.br/graduacao/arquitetura-e-urbanismo/>, <https://www.pucrs.br/grade-corpo-docente/dados-do-curso/?slug=arquitetura-urbanismo>

³⁰ Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-cursos/arquitetura-e-urbanismo/>

³¹ Dados e descritivos disponíveis em: <https://caubr.gov.br/acesse-os-resultados-do-ii-censo-das-arquitetas-e-arquitetos-e-urbanistas-do-brasil/>

grupos sociais, ou mesmo estratégias presentes nas intervenções de urbanismo tático e microacessibilidade, como estaria a interação desses conhecimentos entre docentes e discentes em um cenário atual onde há predominância de discentes mulheres dentro das faculdades de arquitetura e urbanismo?

Ao retornarmos para ideia de que a espinha dorsal da aprendizagem significativa ocorre pela interação dos conhecimentos prévios entre as partes envolvidas, temos aqui mais um fator a se considerar nesta reflexão. Como podemos garantir que um corpo docente majoritariamente masculino, compartilhe conhecimentos prévios que estabeleçam elos narrativos significativos com um corpo discente de ampla maioria feminina? Apesar de termos docentes sensíveis aos temas apresentados, as experiências vividas nos edifícios, nos espaços públicos, na mobilidade urbana, nas relações de trabalho, de cuidado, ou seja, onde podem ocorrer contribuições vindas do campo de atuação da arquitetura e do urbanismo, são diferentes e favoráveis aos homens.

Pode parecer que, ao tratarmos de aprendizagem significativa, o caminho se dá exclusivamente no sentido docente para discente, no entanto, a procura por conhecimentos prévios existentes não necessita ocorrer apenas na estrutura cognitiva do aprendiz; talvez seja mais interessante pensarmos em ampliar a interdependência entre as partes, docente e discente, guardadas as diferenças de experiência, na busca por relações de ensino mais participativas e diversas.

O texto *“Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência”*, de Jorge Larrosa Bondía, discute a educação a partir da parceria entre experiência e sentido. O ato de pensar, composto por atitudes como raciocinar, calcular e argumentar, se soma aqui a ideia de sentido diante de nós mesmos, dos outros e do mundo em que vivemos. Para o autor a experiência deve ser separada da informação, ou seja, o conhecimento e a aprendizagem não se demonstram apenas por informações adquiridas, seguidas, por uma vontade imensa de emissão de opinião, o que inclusive, reforça a ideia de protagonismos individuais e arrogantes. (BONDIA, 2001, P.22-23).

A experiência vem sendo prejudicada, também, pela falta de tempo causada pelo excesso de desempenho que nos é cobrado, ou que nos infligimos cotidianamente. Há uma mudança de

hábito bastante significativa trazida pelos aparatos tecnológicos que nos cercam, como aplicativos de todos os tipos, redes sociais, entre outros, que alteraram as relações entre as pessoas e a percepção do tempo.

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio (BONDÍA, 2001, p.23)

Compreendida a ideia exposta, a interação de conhecimentos prévios, pode apoiar-se no espaço para relatos de experiências que as partes possuem em relação a determinado tema e há, inclusive nessas situações, uma quebra da hierarquia entre quem ensina e quem aprende. Por exemplo, se o exercício pressupõe desenhar um espaço público, quais seriam as diferenças de percepção de segurança desse espaço se você é um homem ou uma mulher, e como a arquitetura e o urbanismo poderiam contribuir nesse sentido? Vale reforçar que perguntas desse tipo deveriam ser óbvias quando se tem um público discente majoritariamente composto por mulheres. Outras tantas aproximações entre as partes podem ser tentadas e essa maior exposição, a qual nem todos estão dispostos, não significa que docentes e discentes inverterão os seus papéis, mas sim que ampliarão relações de cuidado, criando elos narrativos, em direção a uma aprendizagem significativa mútua.

6 – Considerações finais

Este artigo procurou investigar quais seriam os limites e possibilidades para a ampliação do compartilhamento de conhecimentos entre docentes e discentes nas ações didáticas durante a graduação em arquitetura e urbanismo. Como recorte, foram apresentados cenários vigentes do urbanismo atual, ainda muito vinculados a mercantilização da cidade de São Paulo, em contrapartida a outros cenários, conceitos e experiências que reconhecem a cidade por camadas costumeiramente esquecidas e invisibilizadas.

Neste sentido, a formação acadêmica ocupa um papel fundamental na apresentação de exercícios e conteúdos didáticos diversos, que envolvam cada vez mais a percepção da cidade e de seus personagens mais vulneráveis, trabalhando atividades que permitam contato direto com essas realidades, o que pode ser feito, por exemplo, utilizando a carga horária de extensão universitária³².

A teoria da aprendizagem significativa pode ser, ao mesmo tempo, um modo de atenuar ou de ampliar a distância entre os elos narrativos docentes e discentes durante o período de formação em arquitetura e urbanismo. A inclusão de conteúdos que considerem os princípios do urbanismo feminista, em especial se considerarmos que a maioria discente é hoje composta por mulheres, parece óbvia para que haja uma tentativa mínima de interação de conhecimentos prévios entre docentes e discentes. Ao mesmo tempo, a manutenção e predominância de conteúdos didáticos que negligenciem estes princípios, impossibilita qualquer tipo de interação, e se dá, provavelmente, por uma condição confortável e insensível de uma parte do corpo docente, que segue sem reconhecer realidades e personagens invisibilizados, mesmo que estejam em sua frente todos os dias nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. *The psychology of meaningful verbal language*. New York: Gune & Stratton, 1963.

AUSUBEL, D. *Educational psychology: a cognitive view*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

BRENNER, N. *Urbanismo tático: uma alternativa ao urbanismo neoliberal?* Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, e-metropolis, número 27, ano 7, dezembro de 2016. Disponível em <http://www.emetropolis.net/artigo/201?name=seria-o-urbanismo-tatico-uma-alternativa-ao-urbanismo-neoliberal>

³²Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) n.º 07/2018 determina, em seu artigo 4.º, que as instituições de ensino superior têm até o final de 2022 para implementarem, no mínimo, 10% da carga horária de seus cursos de graduação para a extensão universitária e estabelece critérios para que as atividades possam ser contabilizadas como extensão. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

CIOCOLETTO, A; CASANOVAS, R; FONSECA, M; ESCALANTE, S.O; VALDIVIA, B. COL-LECTIU PUNT 6. *Urbanismo feminista: por una transformación radical de los espacios de vida*. Barcelona: Virus Editorial, 2019.

FONTES, A.S; PINA, J.P; PAIVA, L.M. *Urbanismo tático: X ações para transformar cidades*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2021.

GADANHO, P; BURDETT. R; CRUZ, T; HARVEY, D; SASSEN, S; TEHRANI, N. *Uneven growth: tactical urbanisms for expanding megacities*. New York: The Museum of Modern Art, 2014.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LYDON, M; GARCIA, A. *Tactical urbanismo: short-term for long-term change*. Washington: Island Press, 2015.

MACIEL. A; MILAN, L; BRITO, T, ESTUDIO+1. *Biblioteca de microacessibilidade*. Banco Mundial. 2021 Disponível em <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/099050223201042343/p1734140d59f3d0ee0b4330f490f906adc1>

MACIEL. A; MILAN, L; BRITO, T, ESTUDIO+1. *Amamentação em espaço público*. Proximity of Care. 2022. Disponível em <https://www.proximityofcare.com/pt/2023/08/31/proximity-of-care-site-assessment-report-niteroi-brazil/>

MOREIRA, M.A. *O que é aprendizagem significativa?* Aula inaugural do programa de pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2010.

MOREIRA, M. ANTONIO; MASINI, E.F.S. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo, SP: Editora Moraes LTDA 1982.